

## ASPECTOS DA RELIGIÃO NATURAL EM LUDWIG FEUERBACH

Rosângela Fonteles do Nascimento Arcanjo\*

**Resumo:** Partindo do pensamento do filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804 – 1872), o presente artigo objetiva apresentar as religiões naturais em sua relação com a natureza, evidenciando os aspectos positivos dessas religiões que reconhecem a importância do mundo natural como essencial para a existência humana e de todos os seres, bem como, apontar os aspectos negativos, que implica na necessidade de superação das religiões naturais, pois, nelas, ainda permanecem as superstições e seres divinos. Por fim, chegamos à conclusão que abordar essa temática, em Feuerbach, nos remete à emergente necessidade de se pensar a religião e a relação homem e natureza.

**Palavras-chave:** Feuerbach. Religião Natural. Natureza. Fundamento. Homem.

## ASPECTS OF NATURAL RELIGION IN LUDWIG FEUERBACH

**Abstract:** Based on the thought of the German philosopher Ludwig Feuerbach (1804-1872), this article aims to present natural religions in their relationship with nature, highlighting the positive aspects of these religions that recognize the importance of the natural world as essential for human existence and of all beings, as well as, pointing out the negative aspects, which implies the need to overcome natural religions, because, in them, the superstitions and divine beings remain. Finally, we concluded that addressing this theme in Feuerbach, reminds us of the emerging need to think about religion and the relationship between man and nature.

**Keywords:** Feuerbach. Natural Religion. Nature. Foundation. Man.

### 1.Introdução

O presente artigo tem como intuito expor as religiões naturais, evidenciando seus aspectos positivos e negativos em sua relação com a natureza na concepção de Ludwig Feuerbach que, ao longo de toda sua obra, tem como principal objeto de análise a religião, sejam as religiões morais-subjetivas, como a religião cristã, sejam as religiões naturais, também chamadas pagãs.

---

\* Graduada em Filosofia (UVA). Mestranda em Filosofia (UFC). Pesquisadora na área de Filosofia da Religião e Ética. Participante do Grupo de Pesquisas Ludwig Feuerbach e Pensamento Pós-hegeliano (GPELF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6174143284280181>

Nessa perspectiva, por duras críticas e por más interpretações, Feuerbach é, por vezes, considerado um ateu que despreza rigorosamente a religião. Contudo, o que ele busca, de fato, não é uma análise crítica dos fundamentos e do âmago da religião. O que podemos observar é que um de seus objetivos é o ser humano inserido no mundo, em suas relações interpessoais, o comportamento do homem ante as práticas religiosas, mas por uma ótica do sujeito que gera a religião e não, obrigatoriamente, do ponto de vista religioso. Feuerbach investiga como a cultura religiosa interfere na vida do ser humano em todos os sentidos. Ou seja, ele analisa os danos que a religião causa ao ser humano de forma séria e cautelosa, mas não a tratando, totalmente, de forma repulsiva e negativa, pois ele não a rejeita completamente.

Assim, a fim de evitar mal-entendidos, o presente artigo não tem como pretensão retratar a religião como um mal que deve ser banido – até mesmo porque essa também não era a intenção de Feuerbach – mas destacar, a partir da exposição das religiões naturais, a importância de se reconhecer a natureza como fundamento vital dos seres - que não deve ser nem desvalorizada, nem supervalorizada, devendo, assim, haver uma mudança no modo de pensar as religiões. O foco, aqui, recai sobre as religiões naturais, porém, se fará referência ao Cristianismo, sempre que for necessário, para uma melhor compreensão da abordagem sobre o pensamento do autor.

Dessa forma, será tratado no primeiro momento, deste trabalho, o surgimento das religiões naturais e o objeto constituinte de tais religiões. Compreender essa temática pressupõe irmos de encontro com a consciência que o homem toma de sua limitação e dependência e de sua relação com a natureza.

No segundo momento, apresenta-se-á, a religião natural em seu contato com a natureza e o porquê de Feuerbach resgatar, parcialmente, essas religiões, enxergando nas mesmas, aspectos mais coerentes com o modelo religioso. Uma abordagem que tem relação direta com o entendimento da religião, ainda nos primórdios, quando se iniciavam as primeiras formas de sociedade. E o homem, por ser inteiramente inserido na natureza, é um ser que não vive fora do âmbito material.

No terceiro e último momento, será exposto a necessidade de superação das religiões naturais, a partir da crítica de Feuerbach, pois embora essas religiões tenham uma relação mais próxima com a natureza e a reconheçam como fundamento de tudo o que é existente, também não estão completamente livres de superstições, permanecendo

ainda seres venerados pelo religioso natural. E nas exigências do pensamento feuerbachiano não pode haver nenhum pressuposto transcendente, irreal e divinizado.

Para tanto, foi utilizado o método bibliográfico e como principal objeto de estudos, usou-se os escritos de maturidade de Feuerbach, a saber: *A Essência da Religião (Das Wesen der Religion)*, de 1846, e suas *Preleções Sobre a Essência da Religião (Vorlesungen über Das Wesen der Religion)*, de 1851. Ainda para uma maior compreensão a respeito do tema, buscou-se também um aprofundamento, a partir de textos e obras dos comentadores consagrados de Feuerbach.

## 2. O Surgimento das Religiões Naturais: A Natureza como Primeiro Objeto Religioso

Antes de tudo, é importante dizer que Feuerbach não se preocupou em definir termos da ideia de religião natural em sua obra, assim como também não a conceituou mais profundamente em relação à cronologia, origem, como se desenvolveram, seus rituais específicos etc. O filósofo teve um cuidado maior em apresentar as práticas comportamentais, referentes ao psicológico do ser humano, frente à natureza.

Em sua obra *A Essência da Religião (1846)*, Feuerbach argumenta a favor do sentimento de dependência<sup>175</sup> como o fundamento que originou a religião e afirma a natureza como sendo o primeiro objeto desse sentimento, no qual o homem religioso se vê dependente mediante sua realidade limitada no mundo. Assim, ainda nos primórdios, o homem fez dos entes naturais objeto de adoração religiosa, em que eram adorados os astros, águas, árvores, até mesmo animais. Feuerbach reconhece também esses últimos como fundamentais para a sobrevivência do homem primitivo, bem como para seu desenvolvimento cultural.

A natureza é, originalmente, reconhecida como fundamento existencial de todos os seres após a desconstrução do pensamento teológico<sup>176</sup>. A religião, fundamentada a

---

<sup>175</sup>Feuerbach afirma o sentimento de dependência como o fundamento da religião que tem como causa a natureza, a qual desperta sentimentos no homem de diversas formas. Pois, na medida em que a natureza, a partir de seus elementos, oferece ao homem o que ele necessita para sua segurança e sobrevivência, também ela mostra toda sua fúria e hostilidade. Esses sentimentos provocados pela natureza, formam o alicerce do sentimento religioso do homem primitivo das religiões naturais, na qual a natureza é percebida e tratada como uma entidade divina.

<sup>176</sup>Feuerbach faz uma crítica à teologia cristã por essa ter desvalorizado a natureza. Tal desvalorização é evidenciada na doutrina da criação e do pecado original. A crítica de Feuerbach à religião cristã se dá a partir do próprio homem, o qual ao se sentir limitado perante a natureza, recorre a um ser espiritual,

partir do sentimento de dependência, põe em causa uma necessária dependência do homem, por um ser distinto dele, que é a natureza, um ser real e concreto que apresenta uma nova postura a qual não permite um ser infinito e absoluto. Feuerbach destituiu o Deus da teologia, dignificou a natureza real e resgata o mundo da sensibilidade. Desse modo, dá-se lugar, a partir da nova filosofia, a uma nova concepção de religião.

Vale dizer que, de acordo com Feuerbach, a religião teve início com a consciência do homem de sua finitude, na qual este reconhece suas limitações mediante a grandeza e a variabilidade da natureza<sup>177</sup>. No entanto, a proposta de religião, do filósofo, deve ter sua origem a partir da afirmação da existência sensível do mundo real e natural. Nesse sentido, é que Feuerbach demonstra seu apreço e aproximação pelas religiões naturais:

Odeio o idealismo que arranca o homem à natureza; não me envergonho de depender da natureza; confesso abertamente que as influências da natureza não só afetam minha superfície, minha pele, meu corpo, mas também meu âmago, meu íntimo, que o ar que respiro em bom tempo atua benéficamente não somente sobre meu pulmão, mas também sobre minha cabeça, a luz do sol não só ilumina meus olhos, mas também meu espírito e meu coração. (FEUERBACH, 2009, p. 49).

Feuerbach toma como fundamento, para o desenvolvimento de suas concepções, as religiões naturais, porque essas não cultuam um Deus subjetivo, mas um deus materializado o qual se identifica ou que está presente na natureza, sendo que esta é fundamental para tudo que existe de forma vital. Segundo o autor, as religiões naturais surgiram a partir do primeiro contato do homem com a natureza e da insciência daquele em relação aos entes naturais.

Nas religiões naturais, a natureza era igual ao homem quando este, praticamente, tinha uma relação exclusiva com ela. Para os primitivos, a natureza tinha características humanas e, portanto, não se diferenciavam. Por acreditar nessa semelhança, faziam oferendas e tratavam a natureza da mesma forma que os membros dos grupos de suas

---

absoluto, criador dela e de todas as coisas. O Deus do Cristianismo não está inserido na natureza e não reitera suas leis. Ele está além, como um ser sobrenatural e todo-poderoso que atua como legislador de tudo, com completa autonomia, a partir do nada. Ele tem o controle da natureza e do homem, é milagroso, desconsiderando o mundo material.

<sup>177</sup>De acordo com Feuerbach, é no sentimento de finitude do homem que se encontra a origem da religião. Essa é uma premissa válida, uma vez que se o homem fosse infinito e ilimitado ou reconhecesse sua finitude, não haveria a necessidade de atribuir suas características humanas a um Deus ou à natureza, pois ele já seria completo e não haveria, portanto, religião. Assim, constata-se que a religião teve seu início na consciência que o homem tem de sua incompletude, limitação e dependência.

comunidades<sup>178</sup>. Vendo uma espécie de racionalidade na natureza, o instinto humano, por desconhecimento, passou a cultuá-la e, por medo, criou o deus objetivo das religiões naturais. A natureza foi, pois, transformada em um objeto da representação humana e com características sobrenaturais, ela é o primeiro objeto das religiões naturais<sup>179</sup>, diz Feuerbach. Mas, embora os entes naturais tenham características humanas e deixem de ser entes objetivos, ainda assim, são inseridos na matéria, na realidade da natureza.

Nessas religiões, a natureza é o ser que está acima do homem, a fonte que determina a vida e a morte, a origem e o fim do mesmo. Não há, portanto, uma cisão dos sentidos, nem da natureza. Nessa perspectiva, a religião natural é o momento em que, pela primeira vez, o homem se organiza em sociedade, desenvolve sua base cultural e religiosa. E a natureza, sensível aos sentimentos humanos, era o ideal religioso dessas primeiras sociedades.

### **3. Aspectos Positivos das Religiões Naturais: O Reconhecimento da Natureza como Fundamento Existencial**

Em *A Essência da Religião*, Feuerbach tenta a superação e o preenchimento do espaço deixado na obra de 1841: *A Essência do Cristianismo*. Esta só trata do Cristianismo isolado, enquanto que na primeira obra mencionada, ele se preocupa em desenvolver sua análise, das religiões, de forma mais ampla, pois aborda não apenas a religião cristã, mas também as religiões naturais.

Como já foi dito anteriormente, a natureza passou a ser cultuada por meio do sentimento de dependência, ainda nos primórdios, cujo sentimento desperta, no religioso natural, a vontade de adorar os entes naturais. Desse modo, a natureza é o objeto ao qual o homem se sente inerente e o que provoca o sentimento de dependência, logo, esse sentimento não é imediato. Como esclarece Feuerbach:

---

<sup>178</sup>Cf. TOMASONI, Francesco. *Ludwig Feuerbach e a fratura no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 96. (Coleção Leituras Filosóficas). “Surge uma situação paradoxal: ele (o homem) dirige-se em termos pessoais a uma entidade que não é pessoa, tenta fazer-se ouvir pela natureza, que é surda. Ele tenta vivificar em vão ídolos de pau ou pedras.”

<sup>179</sup>Cf. FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. 2ª Ed. Trad. Tomás Cuadrado Pescador. Madrid: Editorial Páginas de Espuma, 2005.p. 52.

A dependência de um outro ser é na verdade somente a dependência de minha própria essência, de meus próprios impulsos, desejos e interesses. Assim, o sentimento de dependência nada mais é que um sentimento próprio indireto, invertido ou negativo, não sendo certamente imediato, mas um sentimento ocasionado pelo objeto do qual eu me sinto dependente(FEUERBACH, 2009, p.96).

Como descreve Feuerbach, na obra de 1846, o homem primitivo se via solitário, no mundo desconhecido, embora ele fosse o mais inteligível, percebeu que nada detinha os fenômenos naturais. Uma vez que a primeira relação do homem foi com a natureza, ao mesmo tempo em que aquele admirava esta, também a temia. Assim, era movido pelo medo da força da natureza, projetando nela a forma de suas relações sociais.

As religiões naturais costumavam cultivar a natureza por falta de compreensão ante os fenômenos naturais que eram vistos como a segurança e a hostilidade. E diante dessa incompreensão, surgiu o desejo da crença em algo que pudesse ser a solução das limitações humanas. Logo, a natureza passou a ser sacralizada por despertar, no homem, sentimentos de dependência como: medo, insegurança e a necessidade de conservação e proteção existencial<sup>180</sup>. Nas práticas dessas religiões, em questão, estão o politeísmo (a diversidade de deuses) e o culto aos elementos da natureza como: os astros, árvores, águas, até mesmo pragas, doenças e os mais diversos animais.

Ou seja, os povos primitivos reverenciavam os fenômenos naturais, porque do mesmo modo que a natureza despertava os sentimentos, os quais os aterrorizavam, era a mesma que também trazia a tranquilidade e que despertava sentimentos de pacificação, assim, esses povos cultuavam os diversos deuses, de acordo com suas necessidades, buscando um modo de aproximação pela sua falta de compreensão e ignorância, mediante as manifestações da natureza. Os fenômenos naturais causavam um conflito existencial no homem, daí a necessidade de divinizá-los, mas também a fim de tentar uma reconciliação com a natureza devido a dependência humana para com seus elementos indispensáveis à sua subsistência.

---

<sup>180</sup> Cf.FEUERBACH, Ludwig. *Preleções Sobre a Essência da Religião*. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.p.62. “Os objetos mais necessários, mais importantes e mais influentes, os objetos que mais produzem no homem o sentimento de dependência deles têm também em si todas as propriedades que arrebatam os olhos e o espírito, que produzem espanto, admiração e todas as outras afeições e estados de espírito semelhantes. [...] Unimos, pois, aqui num mesmo objeto, não o *thauma*, a admiração, mas o *oneiar*, a utilidade, ou seja, não a coisa enquanto objeto de espanto, mas do medo e da esperança, não então por causa de suas propriedades admiráveis e dignas de espanto, mas por suas propriedades que fundamentam e conservam a existência humana.”

Para Feuerbach, a distinção dos deuses, das diferentes religiões, está apenas no povo de cada religião, essa afirmação leva ao questionamento do porquê existirem vários deuses e não apenas um. A explicação que se dá à diversidade dos deuses são as diferentes formas de pensar e sentir do homem, embora todos sejam humanos, os anseios de cada um são relativos.

Os deuses criados pelo homem estão limitados em sua comunidade local, determinada pelo espaço geográfico, pois todo objeto de adoração está relacionado às necessidades e interesses humanos. Ou seja, as religiões e os diversos deuses adorados pelo homem, “nada mais é que a história do homem”(FEUERBACH, 2009, p.45), cada civilização, ancorada à sua imaginação, tem seu deus, modo de consolo, sua forma de enfrentar suas limitações, todos de acordo com sua época. Como exemplo, podemos citar os deuses das religiões naturais e o Deus da religião cristã, os deuses se diferem no sentido em que os primeiros são politeístas e o segundo, monoteísta. Contudo, ambos existentes como expressão característica da essência do homem natural e cristão. Os deuses das religiões naturais, são deuses limitados em sua região, são nacionais, que não ultrapassaram os limites de cada civilização. O Deus cristão, ao contrário, é um Deus universal, porém ambos surgiram no homem, a partir do próprio homem<sup>181</sup>.

Nesse sentido, embora Feuerbach não fosse um religioso natural, ele estrategicamente resgata a religião natural, porque essa não cultua um Deus antropomorfizado, personificado, mas um deus físico, que está presente na natureza, e ao fazer isso, a religião natural traz a importância da natureza para o homem que, ao cultuá-la, reconhece precisar dela para sua existência, pois ele não pode viver sem satisfazer as suas necessidades.

As religiões naturais são as primeiras com povos de culturas rudes, nos quais a dependência pela natureza é maior. Assim, conseqüentemente, há uma relação mais próxima, pois aqueles veem a natureza de modo absoluto, são admiradores de seus benefícios e utilidades e a divinizam, pois são inteiramente dependentes e submissos a ela, mas se mantêm dentro da realidade, suas divindades não ultrapassam o plano real em que vivemos. Conforme Amengual:

---

<sup>181</sup> Cf. *Ibidem*. Op. cit. p. 31.



O homem primitivo em sua ingenuidade considera a natureza de maneira indeterminada, global, como um todo universal e absoluto, da qual admira sua beleza, utilidade e beneficência, dela depende incondicionalmente e por isso a considera divina. Esta relação é a religião natural: relação de submissão frente a natureza (AMENGUAL. 1980, p. 254).

A religião natural, ao adorar os elementos naturais, mostra uma valorização e um reconhecimento da natureza, uma relação direta do homem com a mesma, que revela sua dependência para com ela. Para Feuerbach, o deus físico, da religião natural, nada mais é que a essência divinizada e personificada da natureza que é o fundamento da existência do homem, algo claro e sensível e não um Deus absoluto, como o Deus da religião cristã, algo indefinido como se refere Feuerbach:

[...] mostro em *A Essência da Religião* que o Deus físico ou o Deus considerado apenas como causa da natureza, das estrelas, das árvores, das pedras, dos animais e dos homens enquanto seres físicos e naturais nada mais significam que a essência divinizada e personificada da natureza. [...] O ser que para mim pressupõe o homem, ser que é a causa ou o fundamento do homem, a quem ele deve seu aparecimento e existência, não é para mim Deus – uma palavra mística, indefinida e ambígua – mas a natureza – uma coisa e uma palavra clara, sensível, indubitável (FEUERBACH, 2009, p. 34).

Dessa forma, podemos dizer que por detrás das religiões naturais, está a verdade da natureza, que é a condição primordial e fundamental da mesma sobre o homem. Ou seja, essas religiões revelam essa característica positiva de que, ao cultuar a natureza, não há uma crença, numa realidade extraterrena, para além da realidade dessa vida. Há apenas a divindade de deuses no mundo material, terreno e real, na natureza mesmo. Não há, portanto, uma separação da realidade concreta.

Nesse sentido, as religiões pagãs (naturais) respeitam e dignificam a natureza. Ao divinizá-la, o religioso natural sente a necessidade de conservá-la, tendo em vista que ela é a que fornece os artifícios para seu bem-estar e sobrevivência. Assim, para não “irritar” a natureza, o homem, dessas religiões, abstrai dela apenas o que julga ser necessário para satisfação de seus anseios. Para além disso, embora a natureza seja subordinada às necessidades humanas, as religiões naturais revelam o quão submisso e dependente é o homem frente a ela, mas também a reconhece como seu princípio. Portanto, o religioso natural vê a natureza como algo superior a ele e a quem deve sua



origem e existência e não apenas como aquela que supre suas vontades e dependência. Feuerbach explica que:

O cultor da natureza não a adora somente como o ser através do qual ele agora existe ou sem o qual ele não pode viver, nada pode fazer, ele adora e considera a natureza também como o ser do qual ele surgiu originariamente e exatamente por isso como o alfa e o ômega do homem (FEUERBACH, 2009, p. 101).

Por isso, para tentar uma aproximação com a natureza, o homem a diviniza e se desumaniza. Contudo, embora a religião natural reconheça a natureza como seu fundamento originário e adore os seus elementos (plantas, águas, terra, astros, animais etc.), na verdade, o que é adorado são as propriedades de tais elementos e sua representação. Portanto, o religioso natural não adora os entes naturais em si mesmos, mas suas utilidades. Desse modo, Feuerbach fundamenta também uma crítica às religiões naturais, por estas não estarem livres de superstições, visto que nelas a natureza aparece ao homem religioso inculto e de razão inexperiente, com exigências não naturais (sobrenaturais), diferente do que ela, realmente, é.

#### **4. Aspectos Negativos da Religião Natural: Crítica de Feuerbach à Permanência Divina**

Quando o homem mantinha uma relação mais íntima com a natureza e era mais dependente dela, ele a personificou e passou a cultuá-la por não entender seus mistérios naturais. Isso acontecia porque o homem acreditava que, adorando a natureza, ela iria realizar seus desejos. O deus que era adorado poderia ser uma representação das plantas, águas, animais ou completamente antropomórfico. Isso nos leva a compreender que os desejos e anseios humanos tratam-se de algo religioso.

Na religião natural, o homem passa a cultuar tudo que se referir ao seu bem-estar, o que for uma questão de vida ou morte. Contudo, a religião vai se modificando, na medida em que o homem deixa de se relacionar diretamente com a natureza e passa a viver mais em sociedade, mas essa mudança religiosa acontece gradativamente. Ou seja, vivendo uma relação mais comunitária, com os outros, o homem passa a referenciar a si mesmo e menos a natureza, embora não haja uma ruptura completa entre homem e natureza, não há mais também a adoração direta dos elementos naturais. Pois, não importa mais ao homem adorar esses elementos naturais, porque para aquele que vive,

em sociedade, é interessante que seus deuses sigam esses mesmos aspectos. Assim, quando há esse afastamento da natureza, acontece a antropomorfização dos deuses.

Ter como base a religião natural, para elaborar uma concepção religiosa, fez com que Feuerbach percebesse que tais religiões apenas substituem um Deus por outras divindades. Por meio de sentimentos e impressões que a natureza desperta no homem, ela perde seu real sentido, e a partir da realidade natural, captada pelo homem religioso, ele imagina outros seres divinos. Assim, numa perspectiva da religião natural, as superstições que haviam na tradição teológica, permanecem igualmente naquela. Desse modo, conseqüentemente, também são parcialmente criticadas por Feuerbach e surge, então, nesse sentido, uma necessidade de superação dessas religiões.

Não reconheço a religião da natureza em nenhuma forma, em nenhuma outra extensão, em nenhum outro sentido que não aquele em que reconheço a religião em geral, até mesmo a religião cristã; reconheço apenas sua verdade simples e fundamental. Mas essa verdade é apenas que o homem é dependente da natureza, que ele deve viver em concórdia com ela, que mesmo em seu estágio mais elevado e espiritual não se deve esquecer que ele é um filho e um membro da natureza, que ele deve adorar sempre a natureza, tanto como a base e a fonte de sua existência quanto como a base e a fonte de sua saúde espiritual e corporal, porque somente através dela é o homem libertado de todas as exigências e desejos exagerados e doentios, como, por exemplo, o desejo sobrenatural da imortalidade (FEUERBACH, 2009, p. 151).

Para Feuerbach, a religião deve ter o reconhecimento do homem, sendo fundamentada na natureza. Sendo uma religião do homem, que coincide com a religião natural, apenas em alguns aspectos. Pois nas religiões naturais, ainda há seres venerados pelo religioso, seres estranhos e divinizados que mantêm, no homem, as mesmas sensações da teologia, os quais são: o medo da punição ou a busca pela recompensa, do além, através do seu comportamento.

A religião, no pensamento feuerbachiano, não deve pressupor nada transcendente e irreal, mas algo puramente humano, dentro do mundo natural e sensível. Nesse sentido, a religião natural até resgata a sensibilidade da natureza, no entanto cria, novamente, seres não sensíveis e objetos de adorações. Pois, de acordo com o autor, “também a religião da natureza não é livre de superstições, porque naturalmente, isto é, sem cultura e experiência, são todos os homens dados à superstição” (FEUERBACH, 2009, p. 50).

De acordo com Feuerbach, o fim da religião seria a superação do sentimento de dependência, o qual originou o sentimento religioso. Essa superação é a principal característica da religião feuerbachiana, na medida em que o homem se torna consciente mediante sua finitude. Assim, há a possibilidade do homem ser livre e dono de si mesmo. Tentar alcançar uma liberdade para além dos limites humanos é algo comum entre as religiões, incluindo a teologia, que se caracteriza pelo desespero, pelo medo da morte e busca da imortalidade, superando, portanto, os limites de sua finitude, apoiando-se em algo extraterreno.

A religião natural está em contraposição aos princípios teológicos, porém a postura dessa religião também não se firma numa fundamentação sólida que assegure a realidade sensível, uma vez que a natureza se torna objeto de adorações. Com a natureza divinizada, as religiões naturais se afastam do pensamento feuerbachiano por supervalorizarem o mundo natural e projetarem seres divinos. Para Feuerbach, a natureza deve ser reconhecida existencialmente e não elevada além da realidade própria dela, por isso o filósofo intenta neutralizar esses exageros que existem em ambas as religiões.

Na religião delineada por Feuerbach, há um desenvolvimento das religiões naturais para a consciência, visto que essas eram constituídas por povos primitivos que ainda não haviam se elevado ao nível consciente. Desse modo, há uma modificação das religiões primitivas, um avanço dessas, na concepção de Feuerbach, que reafirma a realidade concreta, ou seja, valoriza a existência. Contudo, diverge do sentimento religioso dessas, na medida em que o filósofo, de Landshut, distancia-se das superstições que se fazem presentes no religioso natural inconsciente.

A ignorância primitiva que suscitou essa falsa interpretação da natureza, a qual a transformou em um Deus, caracteriza a religião natural como uma contradição entre realidade e fantasia. Ou seja:

O autoengano devoto e involuntário do homem na religião torna-se uma verdade manifesta e evidente na religião da natureza, porque aqui o homem faz com que seus objetos religiosos sejam olhos e ouvidos: você sabe, está vendo que se trata de olhos e ouvidos feito de pedra ou madeira, no entanto, ele acredita que são olhos e ouvidos verdadeiros. Assim, o homem na religião tem olhos apenas para isso, para não ver, para ser ultra cego, e o motivo para o mesmo, para não pensar, ser ultra imbecil (FEUERBACH, 2005, p. 66, 67).

Fica clara a crítica de Feuerbach, à religião da natureza, na afirmação acima. O homem religioso fica cego e surdo, acreditando apenas na ilusão criada por ele. “Nas religiões naturais o homem declara seu amor a uma estátua, a um cadáver. Não era de se estranhar que buscasse ajuda por meios mais desesperados e insanos” (FEUERBACH, 2005, p. 65). Contudo, a religião da natureza está sempre vulnerável a decepções, pois “basta com um golpe de machado para que se convença, por exemplo, de que não sai sangue das árvores veneradas e que, portanto, nelas não habitam seres vivos ou divinos de nenhuma espécie” (FEUERBACH, 2005, p. 67). Com esse exemplo, Feuerbach expõe quão frágil é a religião natural em suas representações imaginárias.

Assim sendo, quando o homem percebe que o ente venerado não é infinito, ele deixa de adorar aquele objeto especificamente e o transforma apenas em um objeto espiritual, ou seja, aos poucos, as religiões naturais que possuem apenas a natureza física como causa de suas crenças, perdem forças para as religiões espirituais as quais possuem doutrinas místicas (deísmo e teísmo)<sup>182</sup>. Em outras palavras, ao serem formadas as primeiras sociedades, a natureza divinizada se enfraquece e passa a ser objeto de domínio humano, apenas um objeto orgânico para subsistência do homem, a natureza perde, portanto, o poder que até então tinha sobre o mesmo. Nesse sentido, com o passar do tempo, tudo se modifica: a realidade humana, a cultura, a natureza variável, bem como os deuses. Como explica Feuerbach:

Assim como o homem, de ente apenas físico, passa a ser um ente político, antes de tudo um ente que se diferencia da natureza e se concentra em si mesmo, seu deus também passa de ente apenas físico a ente político e que se distingue da natureza. A fim de distinguir sua própria essência da natureza e por conseguinte de um deus diferente da natureza, o homem antes de tudo se une aos outros homens, constituindo uma entidade comum, no qual os poderes são diferenciados dos da natureza e só existem em pensamento ou representação (como poderes políticos, morais, abstratos, o poder da lei, da opinião, da honra, da virtude) são objeto de sua consciência e de seus sentimentos de dependência, na qual a existência física dos homens se subordina a sua existência moral ou civil, e o poder da natureza, o poder sobre a morte e a vida são reduzidos a um

---

<sup>182</sup>Cf. AMENGUAL, Gabriel. *Crítica de la religión y antropología em Ludwig Feuerbach – La reducción antropológica de la teología como passo del idealismo al materialismo*. Op. cit., p.254. “Quando o homem passa de agricultor à cidadão, a ser político, se concentra em si mesmo, junta-se a comunidade, depois se diferencia da natureza, depois sua esfera não é a natureza, mas a história, seu objeto de dependência não são as forças naturais, mas os poderes políticos e morais, as leis da cidade, a opinião, a virtude, a honra. A relação de veneração para com a natureza se converte em fruição, o homem de naturalista se converte em subnaturalista, de politeísta em monoteísta, pois esta é a condição para seu senhorio”. (Tradução do autor).

complemento e instrumento do poder político ou moral (FEUERBACH, 2005, p. 67, 68).

Dessa forma, Feuerbach nos mostra que as primeiras formas de sociedades organizadas se constituíram nas religiões naturais. A partir delas, o homem passa a se desenvolver culturalmente e religiosamente e com o passar do tempo não há um culto direto à natureza, como no início, pois o homem vai perdendo essa relação que ele tinha diretamente com ela. Desse modo, apesar do culto religioso ser direcionado aos entes naturais, o que é adorado, na verdade, é a sua utilidade, sua representação e não tais entes em si.

A natureza não é adorada só em si, mas em tudo o que ela representa para os desejos do homem. Essa representação do mundo natural foi o que fez Feuerbach reconhecer que as qualidades da natureza e do homem eram as mesmas a partir de uma perspectiva religiosa e, por isso, ele acrescentou a fisiologia em sua doutrina, ou seja, o homem fez de todos os seus desejos algo religioso. Na religião natural, chegou a acreditar-se que a natureza era possuída por uma espécie de espírito, um ente diferente dela mesma, o qual a dominava. Para Feuerbach, “a natureza é verdadeiramente possuída por um espírito, mas este espírito é o do homem, é sua própria fantasia, sua própria alma que involuntariamente entra na natureza e a torna um símbolo e um reflexo de sua própria essência humana” (FEUERBACH, 2005, p. 30).

Contudo, como já foi mencionado anteriormente, passando a viver de forma mais comunitária, mudam também os interesses humanos. O homem se vê cada vez menos como parte da natureza e cada vez mais inserido no meio social, na comunidade, desenvolvendo suas culturas e religiões. Dessa forma, as religiões, gradativamente, também vão se modificando, embora não haja uma desvinculação completa da relação homem-natureza, até os dias atuais, aquele não cultua essa de forma mais direta, como antes, o homem agora é seu próprio objeto religioso, ou seja, ele adora a si mesmo, na medida em que se reconhece agora, em suas relações sociais, como ser comunitário.

A aproximação comunitária entre os homens os distancia da natureza e, por conseguinte, há a antropomorfização dos deuses, pois estes estão diretamente relacionados ao contexto no qual o homem se encontra. Desse modo, se o homem está imerso em um contexto moral, seu Deus deve assim o ser, deixando de lado o culto aos

entes naturais e a religião não é mais sobre a natureza, mas a respeito do homem, com características deste.

O ser humano com essa nova forma de compreender o mundo e com os avanços da técnica, passa a querer ter predomínio e manipular a natureza. Essa dissociação, entre homem e natureza, faz com que o primeiro sempre veja a segunda como um obstáculo que o impede de realizar suas vontades e desejos. Nesse sentido, é que Deus (Cristianismo) é colocado como a essência humana, onde não há limites para o homem e a natureza não é mais um empecilho. Portanto, a natureza não é mais seu deus, mas um ente criado para o homem. Os deuses impessoais são insignificantes e o que interessa agora é um Deus que determina as ações dos homens em comunidade.

## 5. Considerações finais

No presente artigo, buscou-se explicitar a partir das obras de maturidade de Ludwig Feuerbach, *A Essência da Religião e Preleções Sobre a Essência da Religião*, a religião natural, expondo o surgimento e o objeto constituinte dessas religiões. Em seguida, foram abordados os aspectos positivos da religião natural, que consiste numa relação mais próxima do homem com a natureza, bem como os aspectos negativos que consiste na crítica parcial, de Feuerbach, à religião natural, enquanto supersticiosa, ao divinizar os entes naturais, remetendo por isso, na superação da mesma.

Em virtude disso, foi evidenciado um afastamento do homem com a natureza. No entanto, apesar do religioso natural se diminuir à natureza e a dotar com suas características humanas, com seus sentimentos e paixões, o principal problema da religião natural, é não tratar a natureza como ela de fato é, mas tomá-la como deus. Desse modo, a natureza perde seu aspecto originário, passando a não ser mais compreendida como causa dela mesma.

Por fim, ao estudarmos as religiões naturais, em Feuerbach, podemos perceber o lado positivo da religião na medida em que esta é relevante para a formação da sociedade e cultura, despertando a reflexão a respeito do vínculo do homem com o mundo natural, com os animais, dos problemas ambientais que enfrentamos atualmente e da importância de se pensar a religião de uma forma que ela não nos tire do plano terrestre, pensando em uma vida em outra dimensão.

Para além disso, Feuerbach não buscou absolutizar seu pensamento, ele apenas se reconheceu como humano e nos mostrou que o homem pode ser capaz de se

transformar, de ser feliz e completo na própria existência, com seus medos e desejos, em suas relações interpessoais, no mundo real e natural.

## 6. Referências Bibliográficas

AMENGUAL, Gabriel. **Crítica de la religión y antropología em Ludwig Feuerbach – La reducción antropológica de la teología como passo del idealismo al materialismo**. Barcelona: Laia, 1980.

BARATA-MOURA, J. El materialismo de Feuerbach. Un estudio de sus escritos. **Anales del Seminario de Historia de la Filosofía**. Madrid, v. 11, 1994.

CABADA-CASTRO, Manuel. **El dios que da que pensar: acceso filosófico-antropológico a la divinidad**. Madrid: biblioteca de autores cristianos, 1999.

CHAGAS, Eduardo. F. A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach. In: \_\_\_\_\_; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio G. de. **Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach**. Série Filosofia, nº 8. Fortaleza: Edições UFC, p. 37-65, 2009.

CHAGAS, Eduardo. F. A Religião em Feuerbach: deus não é deus, mas o homem e/ou a natureza divinizados. In: **Revista Dialectus**, n.4, pg. 78-91, Fortaleza, Janeiro-Julho de 2014.

FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo**. Tradução: José da Silva Brandão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

FEUERBACH, Ludwig. **La Esencia de la Religión**. 2ª Ed. Trad. Tomás Cuadrado Pescador. Madrid: Editorial Páginas de Espuma, 2005.

FEUERBACH, Ludwig. **Preleções Sobre a Essência da Religião**. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LIMA FILHO, J. E. **Antropologia, ética e política em “A essência do cristianismo” de Ludwig Feuerbach**. Tese de Doutorado em Filosofia- Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p.149. 2017.

SCHMIDT, Alfred. **Feuerbach o la sensualidad emancipada**. Versión española de Julio Carabaña. Madrid: Taurus Ediciones, 1975.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. **A humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral**. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999.

TOMASONI, F. **Ludwig Feuerbach e a Fratura do Pensamento Contemporâneo**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.